

## Allan Kardec foi médium?

“O que é evidente, para nós, pode não ser para vós outros; cada qual julga as coisas debaixo de certo ponto de vista, e do fato mais positivo nem todos tiram as mesmas consequências.” (ALLAN KARDEC)

É muito comum ouvirmos de palestrantes e coordenadores de estudos doutrinários a afirmativa de que Allan Kardec (1804-1869) não foi um médium. Embora não tivéssemos nada para nos apoiar, achávamos isso muito estranho, pois a nossa primeira impressão é a de que ele o era, por alguma coisa que havíamos lido, mas não sabíamos exatamente onde.

Em obras literárias, espíritas ou não, é certo que encontraremos essa opinião, como, por exemplo, em ***A Mesa, o Livro e os Espíritos***, em que os seus autores, os antropólogos Marion Aubrée e François Laplantine, a primeira doutora em antropologia, o segundo seu professor-orientador, afirmam:

Obra que organiza uma coleta de dados, *O Livro dos Espíritos* não foi, como se afirmou, ditado pelos Espíritos – pois ***Kardec nunca foi médium*** – mas foi elaborado em colaboração com eles; dois especialmente o ajudara: Z, e sobretudo, o Espírito da Verdade. [...]. (¹) (itálico do original, negrito nosso)

Outra fonte na qual encontramos isso, foi em ***Mediunidade***, de autoria de J. Herculano Pires (1914-1979), que assim disse: “[...] Mas ***o próprio Kardec não era médium***, porque a sua missão era científica e não mediúnica. [...]”. (²) (grifo nosso)

De onde será que os autores Marion Aubrée e François Laplantine tiraram isso? É bem provável que encontremos a pista em Hermínio Corrêa de Miranda (1920-2013), no seu texto intitulado ***Allan Kardec e o Mistério de Uma Fidelidade Secular***, do qual transcrevemos:

Frequentemente, os ataques a Kardec buscam apoio em **pronunciamentos do médium escocês Daniel Dunglas Home**. No livro “Luzes e Sombras do Espiritualismo”, de Home, Vartier (³) vai buscar o seguinte: “**Sabe-se que Allan Kardec não foi médium**. Ele nada fazia senão magnetizar ou 'psicologizar'

peessoas mais impressionáveis do que ele”. (4) (grifo nosso)

Fomos conferir na obra ***Ligts and Shadows of Spiritualism***, versão inglesa, e lá se pode encontrar esta afirmação de Daniel Dunglas Home (1822-1886): “É, ou deveria ser bem conhecido, que **Allan Kardec não era ele próprio um médium**. Ele simplesmente magnetizava ou usava da psicologia nas mentes mais frágeis e mais sensíveis do que a sua”.(5) (grifo nosso) Nessa obra, o médium Sr. Home não poupa críticas a Allan Kardec, apesar de o Codificador não o ter tratado da mesma forma, quando, por várias vezes, se referiu a ele na *Revista Espírita*.

Interessante é que os dois autores, Marion Aubrée e François Laplantine confirmam essa posição do Sr. Home, acrescentando que, em 1923, o filósofo, metafísico e crítico social francês René Guénon (1886-1951), toma-lhe essa tese, que, seguramente, também foi absorvida por eles, conforme se pode ver à página 44, da obra ***A Mesa, o Livro e os Espíritos***, que transcrevemos um pouco mais acima. Vejamos o que ambos citam de René Guénon (6), autor de *L’Erreur Spirite*:

Sob o império de sua vontade enérgica, seus médiuns eram máquinas de escrever, que reproduziam servilmente seus próprios pensamentos. Se, às vezes, as doutrinas publicadas não estavam de acordo com seus desejos, ele as corrigia à vontade. **Sabe-se que Allan Kardec não era médium**. Ele conseguia magnetizar as pessoas que eram mais impressionáveis que ele. (7) (itálico do original, negrito nosso)

Da forma como Aubrée e Laplantine colocaram, a impressão que se tem é que essa fala é de Guénon; porém, ao confrontarmos diretamente com o que consta em *O Erro Espírita*, versão em português de sua obra, pudemos constatar que, na verdade, a fala é do Sr. Home, que Guénon cita mencionando como sua fonte as pp. 112-114 da obra “*Les Lumières et les Ombres du Spiritualisme*” (8). Aliás, é a mesma obra citada por Hermínio de Miranda, na versão francesa.

Acreditamos que é exatamente por conhecer e até citar o pensamento do Sr. Home, é que, em ***O Erro Espírita***, um pouco antes de mencioná-lo, René Guénon, em crítica bem mordaz, disse:

Efetivamente, posto que para os espíritas o homem é muito pouco mudado pela morte, não se pode confiar no que dizem todos os “espíritos”: existem os terá que podem nos enganar, seja por malícia, seja por simples ignorância, e é assim como pretendem explicá-las “comunicações” contraditórias; somente nos cabe perguntar como podem distinguir-se de outros os “espíritos superiores”. Seja como for, **há uma opinião** que está bastante estendida, inclusive entre os espíritas, **e que é inteiramente errônea: é que Allan Kardec teria escrito seus livros sob uma espécie de inspiração; a verdade é que ele mesmo jamais foi médium**, que era ao contrário um magnetizador (e dizemos ao contrário porque ambas as qualidades parecem incompatíveis), e que é por meio de seus “sujeitos” como obtinha as “comunicações”. Quanto aos “espíritos superiores” por quem estas foram corrigidas e coordenadas, não eram todos “desencarnados”; Rivail mesmo não foi alheio a este trabalho, mas não parece ter tido nele a maior parte; acreditam que a coordenação dos “documentos de além-túmulo”, como se dizia, deve atribuir-se, sobretudo a diversos membros do grupo que se formou ao redor dele. <sup>(9)</sup>

Infelizmente muitas pessoas agem como ingênuos acreditando piamente no que outros dizem, sem se preocuparem em saber se é verdade ou não; com isso, muitas vezes, acabam como que abrindo um saco cheio de penas no alto de um monte, espalhando, pelo ar, mentiras ou calúnias.

Vejamos na **Revista Espírita 1859** como é que Allan Kardec qualificou um médium:

[...] **Quem está apto para receber ou transmitir as comunicações dos Espíritos é, por isso mesmo, médium, qualquer que seja o modo empregado ou o grau de desenvolvimento da faculdade, desde a simples influência oculta até a produção dos mais insólitos fenômenos.** Todavia, em seu uso ordinário, essa palavra tem uma acepção mais restrita, e se diz, geralmente, de pessoas dotadas de um poder mediúnico muito grande, seja para produzir efeitos físicos, seja para transmitir o pensamento dos Espíritos pela escrita ou pela palavra. <sup>(10)</sup> (grifo nosso)

Há duas situações para classificação de um médium: uma no sentido amplo e outra no restrito. No sentido amplo, pode-se dizer que todos somos médiuns; já no sentido restrito aplica-se àqueles em que essa faculdade se manifesta de forma evidente, produzindo os fenômenos de efeitos físicos ou transmitindo o pensamento dos Espíritos; são médiuns ostensivos. Sobre essa distinção recomendamos aos interessados os nossos ebook **“Todos nós somos médiuns?”** <sup>(11)</sup> e **“Médiuns são somente os que sentem a influência dos Espíritos?”** <sup>(12)</sup>

Allan Kardec volta novamente a esse assunto, tornando-o ainda mais claro, em ***O Livro dos Médiuns*** e em ***Obras Póstumas***, respectivamente:

**Toda pessoa que sente a influência dos Espíritos, em qualquer grau de intensidade, é médium.** Essa faculdade é inerente ao homem. Por isso mesmo **não constitui privilégio e são raras as pessoas que não a possuem pelo menos em estado rudimentar. Pode-se dizer, pois, que todos são mais ou menos médiuns.** Usualmente, porém, essa qualificação se aplica somente aos que possuem uma faculdade mediúnica bem caracterizada, que se traduz por efeitos patentes de certa intensidade, o que depende de uma organização mais ou menos sensitiva.

Deve-se notar, ainda, que essa faculdade não se revela em todos da mesma maneira. [...]. <sup>(13)</sup> (grifo nosso)

Toda pessoa que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por isso mesmo, médium. **Essa faculdade é inerente ao homem, e, por conseguinte, não é, de nenhum modo, um privilégio exclusivo:** também há poucos nos quais não se lhe encontra algum rudimento. **Pode-se, pois, dizer que todo o mundo, com pequena diferença, é médium;** todavia, no uso, essa qualificação não se aplica senão naqueles nos quais a faculdade mediúnica se manifesta por efeitos ostensivos de uma certa intensidade. <sup>(14)</sup> (grifo nosso)

Apenas ressaltaremos, pois não podemos jamais perder isso de vista, que “Toda pessoa que sente a influência dos Espíritos, em qualquer grau de intensidade, é médium”.

Na ***Revista Espírita 1858***, mês de março, encontramos:

[...] Essa faculdade, como, aliás, já o dissemos, **não é um privilégio exclusivo; ela existe em estado latente**, e em diversos graus, numa multidão de indivíduos, não esperando senão uma ocasião para se desenvolver; **o princípio está em nós pelo próprio efeito da nossa organização; está na Natureza; todos nós temo-lo em germe**, e não está longe o dia em que **veremos os médiuns surgirem de todos os pontos**, no nosso meio, em nossas famílias, no pobre como no rico, a fim de que a verdade seja conhecida por todos, porque, segundo o que nos está anunciado, é uma nova era, uma nova fase que começa para a Humanidade. A evidência e a vulgarização dos fenômenos espíritas darão um novo curso às ideias morais, como o vapor deu um novo curso à indústria. <sup>(15)</sup> (grifo nosso)

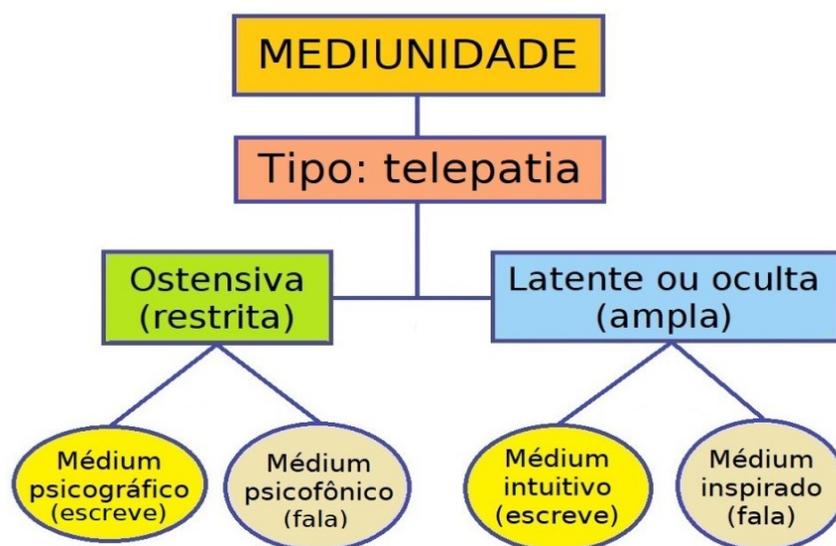
Concluimos que todos nós somos médiuns em potencial, uma vez que a mediunidade é uma característica, ou uma faculdade, como queiram, própria da Natureza humana. É o que também poderemos encontrar em Channing

(Espírito), que, em **O Livro dos Médiuns**, discorrendo sobre os médiuns, disse:

**Todos os homens são médiuns. Todos têm um Espírito que os dirige para o bem**, quando eles sabem escutá-lo. **Quer alguns se comuniquem diretamente com ele, graças a uma mediunidade especial**, quer outros só o escutem pela voz interna do coração e da mente. Isso pouco importa, pois é sempre o mesmo Espírito familiar que os acompanha. Chamai-o Espírito, razão, inteligência, será sempre **uma voz que responde à vossa alma**, dizendo-vos boas palavras. Acontece, porém, que nem sempre as compreendeis. [...] Ouvi pois essa voz interior, esse bom gênio que vos fala sem cessar, e chegareis progressivamente a ouvir o vosso anjo da guarda que vos estende a mão do alto do céu. Repito, a voz interior que fala ao coração é a dos Espíritos bons. **E é desse ponto de vista que todos os homens são médiuns.** <sup>(16)</sup> (grifo nosso)

Mas o que aqui nos propomos é descobrir se Allan Kardec foi médium no sentido restrito, ou seja, se ele possuía alguma faculdade mediúnica ostensiva ou oculta pela qual poderíamos classificá-la entre os vários tipos de mediunidade.

Elaboramos o seguinte quadro visando facilitar o entendimento:



Paulo Neto

É oportuno destacar do item 191 de **O Livro dos Médiuns**, tradução de Herculano Pires, a seguinte definição:

*Médiuns intuitivos*: – Os que recebem **as comunicações dos Espíritos mentalmente**, mas escrevem por vontade própria. Diferem dos médiuns inspirados porque estes não têm necessidade de escrever, enquanto **o médium intuitivo registra o pensamento que lhe é sugerido** rapidamente sobre determinado assunto que lhe foi proposto. [...]. <sup>(17)</sup> (grifo nosso)

Temos, portanto, a comunicação mental, via intuição ou inspiração, que não é outra coisa senão o que atualmente designamos de telepatia; termo que, segundo o *Houaiss*, veio constar de um dicionário no ano de 1899.

Como veremos, de forma a não deixar dúvida alguma, será esse tipo de médium que se deve classificar o Codificador do Espiritismo.

Em ***Obras Póstumas***, registra que, na noite de 24 de março de 1856, Allan Kardec se tornou o protagonista de um fenômeno mediúnicos de efeito físico. Estava ele, em sua casa, trabalhando quando ouviu repetidas batidas, cuja origem era-lhe desconhecida.

No dia seguinte, ou seja, 25 de março, numa sessão na casa do Sr. Baudin, Allan Kardec pergunta ao Espírito Z (Zéfiro), o que lhe havia acontecido com no dia anterior. A resposta foi que “era seu Espírito familiar”, que “queria comunicar-se contigo” <sup>(18)</sup>. Este se identificou dizendo “Para ti, chamar-me-ei *A Verdade*” <sup>(19)</sup>, e explicando o motivo das batidas, disse “O que eu tinha a dizer-te era sobre o trabalho a que te aplicavas: desagradava-me o que escrevia e quis fazer que o abandonasse” <sup>(20)</sup>.

De fato, Allan Kardec depois confirmou que havia um erro grave na 30ª linha, que o surpreendeu de tê-lo cometido. <sup>(21)</sup>

Esse episódio de batidas só poderia ocorrer se tivesse um doador de ectoplasma, energia necessária para a produção desse tipo de fenômeno de efeito físico. Em ***Dicionário de Filosofia Espírita***, Lamartine Palhano Jr. (1946-2000) assim a define:

**Substância que emana do corpo de um médium capaz de produzir fenômenos de efeitos físicos ou aparições à distância.** Trata-se de uma exalação fluídica, sensível ao pensamento, visível ou invisível, plástica, inodora, insípida, originalmente incolor, que tem semelhança de uma massa protoplasmática. <sup>(22)</sup> (grifo nosso)

Provavelmente, Allan Kardec foi o doador dessa energia, uma vez que, naquele momento, ele estava sozinho em casa, já que Amélie Gabrielle Boudet (1795-1883), sua esposa, chegara por volta das dez horas, ouvindo também as pancadas <sup>(23)</sup>; entretanto, como não temos informação de que algo parecido tenha acontecido posteriormente, falta elementos para o identificar como sendo médium de efeitos físicos.

Allan Kardec, no diálogo com o Espírito da Verdade, pergunta-lhe: “Poderei evocar-te em minha casa?”, tendo dele, a seguinte resposta: “Sim, **para te assistir pelo pensamento**: mas, para respostas escritas em tua casa, só daqui a muito tempo poderás obtê-las.” <sup>(24)</sup> (grifo nosso) Bom, aqui já dá para concluir que o Codificador foi, na pior das hipóteses, **um médium intuitivo**, que era assistido por pensamento pelo seu guia Espírito da Verdade. É certo que surgirão objeções quanto a essa nossa conclusão; entretanto, demonstraremos, na sequência, que a razão nos assiste.

Na **Revista Espírita 1858**, mês de novembro, há um relato sobre a manifestação do Espírito Frédéric Soulié <sup>(25)</sup>, ditando um conto através da médium Caroline Baudin. Transcrevemos o seguinte trecho da narrativa:

[...] Dâmo-lo tal como saiu do lápis do médium, sem mudar nada, nem no estilo, nem nas ideias, nem no encadeamento dos fatos. Algumas repetições de palavras, e alguns pequenos pecados de ortografia tendo sido assinalados, **Soulié nos encarregou pessoalmente de retificá-los, dizendo que nos assistiria nisso**; quando tudo terminou, ele quis rever o conjunto, ao qual não fez senão algumas retificações sem importância, e dar autorização de publicar como se o entendesse, fazendo, disse ele, de bom grado a renúncia de seus direitos de autor. [...]. <sup>(26)</sup> (grifo nosso)

Se o Espírito Soulié disse que o assistiria na tarefa de retificar os “pequenos pecados de ortografia”, só o conseguiria fazer isso caso o Codificador tivesse a mediunidade intuitiva, ou seja, **era médium intuitivo**.

Transcrevemos de um dos diálogos com o Espírito Pierre Le Flamand, publicado na **Revista Espírita 1859**, mês de maio, o seguinte trecho:

47. **Voltemos ao senhor Allan Kardec**. – R. Fui à sua casa anteontem à noite; estava ocupado escrevendo em seu escritório..., trabalhava numa nova obra que prepara... Ah! **ele nos melhora bem**. A nós outros, pobres Espíritos; se não nos

conhecerem não será por culpa sua.

48. Estava só?- R. Só, sim, quer dizer que não havia ninguém com ele; mas **havia, ao redor dele, uma vintena de Espíritos que murmuravam acima de sua cabeça.**



49. Ele os ouvia? – R. **Ouvia-os, se bem que olhasse por todos os lados para ver de onde vinha esse ruído,** para ver se não eram milhares de moscas; depois, abriu a janela para ver se não fora o vento ou a chuva.

*Nota.* – O fato era perfeitamente exato.

50. Entre todos esses Espíritos, não o reconheceste? – R. Não; não são os da minha sociedade; eu tinha o ar de um intruso e postei-me num canto para observar.

51. Esses Espíritos pareciam se interessar pelo que ele escrevia? – R. Eu o creio muito! Sobretudo, **havia dois ou três que lhe sopravam o que ele escrevia** e que tinham o ar de se aconselharem com outros; ele, **ele acreditava ingenuamente que as ideias eram dele,** e com isso parecia contente. <sup>(27)</sup> (grifo nosso)

Ora, que interessante se ocorria como Pierre Le Flamand disse, ou seja, “ele nos melhora bem”, não podemos ter outra conclusão de Allan Kardec **era médium intuitivo.**

Ademais, se Allan Kardec chegou a ouvir Espíritos murmurando ao seu redor, conseguindo até mesmo escrever o que alguns deles lhe soprava; então, podemos, mais uma vez, confirmar que ele, de fato, era médium, ainda que não o fosse ostensivamente. Aliás, isso acontece muito com os médiuns “intuitivos” que, geralmente, acham que o que escrevem decorre de sua própria criação mental, nem sequer pensam ser de outra fonte.

Na **Revista Espírita 1861**, mês de novembro, encontramos um discurso de Allan Kardec aos espíritas de Bordeaux, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

**Nos trabalhos que fiz para alcançar o objetivo que me propus, sem dúvida, fui ajudado pelos Espíritos,** assim como eles me disseram várias vezes, mas **sem nenhum sinal exterior de mediunidade. Não sou, pois, médium no sentido vulgar da palavra,** e hoje compreendo que é feliz para mim que assim o seja. Por uma mediunidade efetiva, não teria escrito senão sob uma mesma influência; seria levado a não aceitar com verdade senão o que me teria sido

dado, e isso talvez errado; ao passo que, na minha posição, convinha que tivesse uma liberdade absoluta para tomar o bom por toda parte onde ele se encontrasse, e de qualquer lado que viesse; portanto, pude fazer uma escolha de diversos ensinamentos, sem prevenção, e com inteira imparcialidade. [...]. <sup>(28)</sup> (grifo nosso)

Aqui, Allan Kardec confessa que não tem a mediunidade ostensiva, a que classificara como de sentido restrito, ou seja, que não tinha “**um poder mediúnico muito grande**,... para transmitir o pensamento dos Espíritos pela escrita ou pela palavra” <sup>(29)</sup> (grifo nosso); porém, era de alguma forma médium, fato que já percebemos e que também comprovaremos a seguir.

Na **Revista Espírita 1862**, mês de janeiro, o Codificador publicou o artigo intitulado “Ensaio sobre a interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, sobre o qual disse: “A Teoria que apresentamos é, pois, uma opinião pessoal; nos parece concordar com a razão e com a lógica; é o que lhe dá, aos nossos olhos um certo grau de probabilidade.” <sup>(30)</sup> Para certificar-se que seu raciocínio não era impróprio, ele envia a diferentes grupos espíritas seguinte pergunta: “Que pensar da teoria emitida a este respeito (dos anjos rebeldes, dos anjos decaídos e do paraíso perdido no artigo publicado acima por Allan Kardec?” <sup>(31)</sup>

Em abril de 1862, Allan Kardec diz que recebeu diversas respostas quanto ao teor do artigo, mas que limitaria a publicar somente algumas relativas à questão dos anjos rebeldes. Entre elas, destacamos estas duas:

1ª) Assinada por “Vosso guia Espiritual”, pelo médium Sr. Barão de Kock:

**Sobre este artigo não tenho senão poucas palavras a dizer, senão que é sublime de verdade**; nada há a acrescentar, nada há a suprimir; bem felizes aqueles que unirem fé a essas belas palavras, aqueles que aceitarão esta Doutrina escrita por Kardec. Kardec é o homem eleito de Deus para instrução do homem desde o presente; **são palavras inspiradas pelos Espíritos do bem, Espíritos muito superiores**. Acrescentai-lhe fé; lede, estudai toda esta Doutrina: é um bom conselho que vos dou. <sup>(32)</sup>

2ª) Assinada por “Paul, Espírito protetor”, recebida pela médium senhora Delton:

Não direi nada diverso sobre essa interpretação dos anjos rebeldes e dos anjos

decaídos, senão que ela faz parte dos ensinamentos que devem vos ser dados, a fim de dar, às coisas mal compreendidas, seu verdadeiro sentido. **Não creiais que o autor desse artigo o haja escrito sem assistência, como ele mesmo pensou; acreditou emitir suas próprias ideias e foi por isso que dela se duvidou, ao passo que, em realidade, não fez senão dar uma forma às que lhe eram inspiradas.**

**Sim, está com a verdade quando disse que os anjos rebeldes estão ainda sobre a Terra, e que são os materialistas e os ímpios, aqueles que ousam negar o poder de Deus, não está aí o cúmulo do orgulho? [...].** <sup>(33)</sup> (grifo nosso)

Fica claro que ao escrever o artigo sobre os anjos decaídos Allan Kardec estava sendo inspirado pelos Espíritos do bem, ou seja, “não fez senão dar uma forma às [ideias] que lhe eram inspiradas”, portanto, agiu como **médium intuitivo, pois de fato o era.**

A 14 de setembro de 1863, em Paris, uma mensagem é dirigida a Allan Kardec, registrada em **Obras Póstumas**, da qual destacamos o seguinte trecho:

Quero falar-te de Paris, embora isso não me pareça de manifesta utilidade, uma vez que **as minhas vozes íntimas se fazem ouvir em torno de ti e que teu cérebro percebe as nossas inspirações, com uma facilidade de que nem tu mesmo suspeitas.** Nossa ação, principalmente a do *Espírito de Verdade*, é constante ao teu redor e tal que não a podes negar. Assim sendo, não entrarei em detalhes ociosos a respeito do plano de tua obra, plano que, **segundo meus conselhos ocultos**, modificaste tão ampla e completamente. Compreendes agora por que precisávamos ter-te sob as mãos, livre de toda preocupação outra, que não a da Doutrina. Uma obra como a que elaboramos de comum acordo necessita de recolhimento e de insulamento sagrado. [...]. <sup>(34)</sup> (grifo nosso)

A afirmativa de que “as minhas vozes íntimas se fazem ouvir em torno de ti e que teu cérebro percebe as nossas inspirações, com uma facilidade de que nem tu mesmo suspeitas” é a confirmação do que estamos dizendo, sobre Allan Kardec ter sido **médium de intuição.**

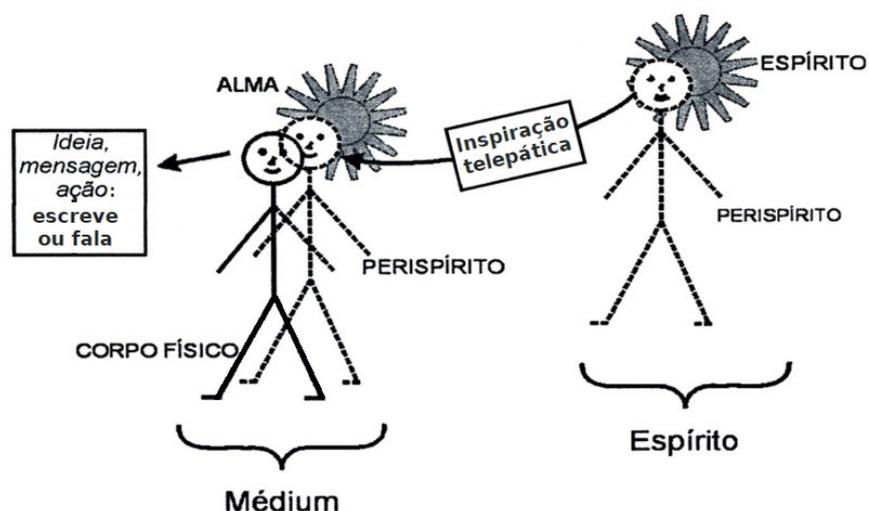
No artigo “Imitação do Evangelho – Fenômeno de clarividência”, datado de 20 de outubro de 1863, publicado em **Obras Póstumas**, Allan Kardec relata um episódio acontecido com a médium clarividente Srta. V..., que de Paris ela o vê em Ségur, cerca de 660 km de distância. Da narrativa, destacamos o seguinte trecho que inicia com uma pergunta de Amélie Gabrielle Boudet, consorte do Codificador:

– “Uma vez que não podereis avistar-vos com meu marido, o que ele muito lamentará, não poderíeis transportar-vos em Espírito até onde se encontra, e vê-lo?”

Por um instante, recolheu-se a Senhorita, e disse:

– “Sim, vejo-o; acha-se num aposento muito iluminado, no pavimento térreo; há ali três janelas... Oh!... e como tudo é alegre! A casa é circundada por jardins... por toda parte árvores e flores... Tudo respira a calma e tranquilidade... Ele está sentado, próximo a uma janela, trabalhando... **Está cercado por uma multidão de Espíritos que lhe conservam a boa saúde... alguns há que parecem muito elevados, e o inspiram**; um deles especialmente parece ser superior a todos os demais, sendo-lhes objeto de deferências. <sup>(35)</sup> (grifo nosso)

O interessante dessa narrativa é constatar que a clarividente Srta. V... viu os Espíritos inspirando Allan Kardec, quando ele se ocupava na elaboração de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Mais uma vez é dito que os Espíritos inspiram. Nesse desenho adaptado temos o que ocorre:



Então a ideia que o Espírito inspira telepaticamente ao médium, tem duas formas de manifestar através dele: ou pela escrita ou pela fala. Quando ocorre com um médium ostensivo, designamos, respectivamente, de psicográfico e psicofônico. Já no caso de uma influência oculta, são classificados como médiuns intuitivos e inspirados.

Podemos também corroborar o fato das inspirações pelos Espíritos tomando das próprias palavras de Allan Kardec, registradas na [Revista Espírita 1867](#), mês de setembro; senão vejamos:

**Sem ter nenhuma das qualidades exteriores da mediunidade efetiva, não contestamos em sermos assistidos em nossos trabalhos pelos Espíritos**, porque temos deles provas muito evidentes para disto duvidar, o que devemos, sem dúvida, à nossa boa vontade, e o que é dado a cada um de merecer. **Além das ideias que reconhecemos nos serem sugeridas**, é notável que os assuntos de estudo e observação, em uma palavra, tudo o que pode ser útil à realização da obra, nos chega sempre a propósito, - em outros tempos eu teria dito: como por encantamento -, de sorte que os materiais e os documentos do trabalho jamais nos fazem falta. Se temos que tratar de um assunto, estamos certos de que, sem pedi-lo, os elementos necessários à sua elaboração nos são fornecidos, e isto por meios que nada têm senão de muito natural, mas que são, sem dúvida, provocados por colaboradores invisíveis, como tantas coisas que o mundo atribui ao acaso. <sup>(36)</sup> (grifo nosso)

Ora, dizer que “sem ter nenhuma das qualidades exteriores da mediunidade efetiva” e “além das ideias que reconhecemos nos serem sugeridas”, é o mesmo que afirmar sobre a mediunidade intuitiva, porquanto, pelo pensamento, os Espíritos transmitiam a Allan Kardec suas ideias, das quais ele, sem suspeitar disso, as escreviam como se fossem dele, conforme lhe foi dito.

Portanto, cremos ter chegado ao nosso objetivo, que era demonstrar que Allan Kardec **foi, sim, médium intuitivo**.

Foi bom sabermos que a nossa conclusão não é isolada, pois o prof. João Francisco Regis de Moraes, autor da obra ***Cáritas e Sua Prece Histórica***, a certa altura, taxativamente, diz que “[...] **Kardec era médium de intuição, certamente**; mas não tinha manifestações mediúnicas como psicografia, psicofonia, clarividência etc. [...]”. <sup>(37)</sup> (grifo nosso)

Isso também põe por terra a opinião do antiespírita René Guénon, como vimos, em *O Erro Espírita*, de que Allan Kardec “jamais foi médium”. <sup>(38)</sup> Como, anteriormente, dissemos, Guénon nada mais faz que tomar para si as ideias do Sr. Home. Porém, ele usa o termo “inspiração”; nós “intuição”; qual é a diferença entre ambos? Na intuição o médium escreve a ideia que o Espírito lhe inspira, enquanto, que na inspiração o médium fala, temos, portanto, algo bem semelhante à psicografia e a psicofonia, se assim podemos falar para um melhor entendimento da diferença entre um e outro.

Assim, entendemos que o termo correto a ser usado, para definir a mediunidade de Allan Kardec, é o de intuição e não o de inspiração.

Paulo da Silva Neto Sobrinho

Mar/2011

Revisor: Hugo Alvarenga Novaes

### **Referências bibliográficas:**

- AUBRÉE, M e LAPLANTINE, F. *A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil*. Maceió: EDUFAL, 2009.
- GUÉNON, R. *L'erreur spirite*. Paris: Ed. Traditionnelles, 1984.
- GUÉNON, R. *O Erro Espírita*. São Paulo: Instituto René Guénon, 2010.
- HOME, D. D. *Lights and Shadows of Spiritualism*. London: Virtue, 1878.
- KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. São Paulo: Lake, 2006.
- KARDEC, A. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1858*. Araras, SP: IDE, 2001.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Araras, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1861*. Araras, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1862*. Araras, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1867*. Araras, SP: IDE, 1999.
- MIRANDA, Allan Kardec e o mistério de uma fidelidade secular, in *Reformador*, ano 91, abril 1973, edição 4, p. 11.
- MORAIS, R. *Cáritas e sua prece histórica*. Campinas, SP: Editora Allan Kardec, 2006.
- PALHANO JR. L. *Dicionário de Filosofia Espírita*. Rio de Janeiro: CELD, 2004.
- PIRES, J. H. *Mediunidade: vida e comunicação. Conceituação da mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais*. São Paulo: EDICEL, 1987.

Periódico:

*Reformador*, ano 91, abril 1973, edição 4, Rio de Janeiro: FEB, p. 9-12.

Internet:

DONHA, J. A. V. Uma radiografia antropológica do Espiritismo. In jornal *Abertura* nº 149. Santos, SP: Espirit Net, jun/2000, obtido pelo site:

<http://www.espiritnet.com.br/Abertura/Ano2000/radiogr.htm>, acesso em 17.03.2011, às 08:08h.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Médiuns são somente os que sentem a influência dos Espíritos?*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/960-mediuns-sao-somente-os-que-sentem-a-influencia-dos-espirtos-ebook>. Acesso em: 09 mar. 2023.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Todos nós somos médiuns?*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/735-todos-somos-mediuns>. Acesso em: 09 mar. 2023.

Imagem Kardec e os espíritos:

<http://1.bp.blogspot.com/-mgkkDaCUBjs/TZPDOJ-x1fI/AAAAAAAAAJo/bxj2o1Vzhrw/s1600/Figura%252520projeto%252520imagem%25252018.jpg>, acesso em 13.09.2012, às 08:32h.

Este artigo foi publicado:

- (Versão original publicada na revista ***Espiritismo & Ciência Especial***, Grandes Temas do Espiritismo, nº 50. São Paulo: Mythos Editora, nov/2011, p. 4-11 (versão original).
- na ***Revista Cristã de Espiritismo***, nº 105. São Paulo: Minuano, mai/2012, p. 34-37 (versão original).
- na *Revista semanal de divulgação espírita "O Consolador"*, Ano 12 - Nº 565 - 29 de Abril de 2018, parte 1.
- na *Revista semanal de divulgação espírita "O Consolador"*, Ano 12 - Nº 566 - 6 de Maio de 2018, parte final.
- revista ***O Fóton***, volume 13 - dezembro de 2018, p. 20-25.

- 1 AUBRÉE e LAPLANTINE, *A mesa, o livro e os Espíritos*, p. 44.
- 2 PIRES, *Mediunidade*, p. 24.
- 3 VARTIER, Jean. *Allan Kardec - La Naissance du Spiritisme (Allan Kardec - O Nascimento do Espiritismo)* Paris, França: Livraria Hachette, 1971,
- 4 MIRANDA, *Allan Kardec e o mistério de uma fidelidade secular*, in *Reformador*, ano 91, abril 1973, edição 4, p. disponível em:  
<http://aron-um-espirita.blogspot.com.br/2017/08/allan-kardec-e-o-misterio-de-uma.html>
- 5 HOME, *Lights and Shadows of Spiritualism*, p. 224, tradução de Lúcia da Silveira Sardinha Pinto Souza.
- 6 Em GUÉNON, 2010, esta citação se encontra à página 38.
- 7 GUÉNON, *L'erreur spirite*, p. 34 *apud* AUBRÉE e LAPLANTINE, *A mesa, o livro e os Espíritos*, p. 113.
- 8 GUÉNON, *O Erro espírita*, p. 37-38.
- 9 GUÉNON, *O Erro Espírita*, p. 37.
- 10 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 29.
- 11 SILVA NETO SOBRINHO, *Todos nós somos médiuns?*, disponível em:  
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/735-todos-somos-mediuns>
- 12 SILVA NETO SOBRINHO, *Médiuns são somente os que sentem a influência dos Espíritos?*, disponível em:  
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/960-mediuns-sao-somente-os-que-sentem-a-influencia-dos-espirtos-ebook>
- 13 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 139.
- 14 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 62-63.
- 15 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 60-61.
- 16 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 331-332.
- 17 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 163.
- 18 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 304.
- 19 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 305.
- 20 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 305.
- 21 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 306.
- 22 PALHANO JR, *Dicionário de Filosofia Espírita*, p. 96.
- 23 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 304.
- 24 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 306.
- 25 Frédéric Soulié foi um romancista, dramaturgo, crítico e jornalista francês, nascido em Foix em 23 de dezembro de 1800, falecido em Bièvres em 23 de setembro de 1847. [...] Autor prolífico e muito popular na época, seus maiores sucessos foram, como romancista, *Les Mémoires du Diable* e, no teatro, *La Closerie des Genêts*. Ele está quase esquecido hoje. (fonte: [https://fr.wikipedia.org/wiki/Frédéric\\_Soulié](https://fr.wikipedia.org/wiki/Frédéric_Soulié))
- 26 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 317.
- 27 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 119-120.
- 28 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 340.

- 29 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 29.
- 30 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 1.
- 31 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 21.
- 32 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 115.
- 33 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 117.
- 34 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 341.
- 35 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 433-434.
- 36 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 274.
- 37 MORAIS, *Cáritas e sua prece histórica*, p. 47.
- 38 GUÉNON, *O Erro Espírita*, p. 37.